

PARA ALÉM DO ENSINO RELIGIOSO: PRIMEIRAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE ESTUDANTES DE LICENCIATURA E CRENÇAS RELIGIOSAS EM PARINTINS (AM)*

Cristian Sicsú da Glória

Graduando em História no CESP/UEA e Bolsista PAIC/FAPEAM

Diego Omar da Silveira (Orientador)

Mestre em História pela UFOP e professor assistente do Curso de História do CESP/UEA

A introdução da juventude como um tema caro aos cientistas sociais de religião no Brasil se deu, a partir de finais dos anos 1990, em função de um triplo alargamento. Em primeiro lugar, as mudanças no perfil religioso da população diagnosticadas pelos censos demográficos e pesquisas de opinião impunham aos pesquisadores novos questionamentos, o que incluía a observação das crenças e comportamentos recortados em diferentes faixas etárias. Além disso, o foco deixava paulatinamente de recair sobre as instituições e seus representantes (clérigos e pastores) e se voltava para os fiéis e suas práticas sociais. Por fim, o processo de redemocratização do país e o ímpeto renovado na ideia de cidadania(s) pressupunha analisar com mais cuidado as perspectivas abertas para a juventude, inclusive naquilo que implicava em sua participação no mundo da comunicação e da política (ver Camurça; Perez; Tavares, 2009).

Tomando por base tanto os recortes geracionais sugeridos pelos órgãos internacionais quanto a discussão acumulada pela sociologia e pela antropologia da juventude, os estudos de Regina Novaes foram pioneiros ao apontar os indivíduos de 15 a 24 anos residentes nas grandes cidades como um grupo sobre o qual “os ventos do secularismo” soprariam possivelmente mais forte. A partir de várias metodologias combinadas – que incluíam *survey* e análise da trajetória de alguns jovens – a hipótese que se levantava a essa altura era a de que “esta geração vivendo em um tempo em que tanto a obrigação social quanto a partilha dos sentimentos de pertencimento” às instituições religiosas tradicionais “se enfraqueceram pode estar engrossando as fileiras dos sem religião sem deixar de frequentar os centros espíritas, da umbanda e do candomblé” (Novaes, 2006, p. 142).

Muitos outros trabalhos corroboraram essa perspectiva. Afinados a uma sociologia das crises religiosas de matriz francesa (ver Hervieu-Léger, 2008), o que se supunha era que o peso das tradições e das identidades religiosas dos pais pesava cada vez menos sobre os jovens, aumentando as

** Pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (PAIC/FAPEAM).

sim o rol de escolhas e a mobilidade religiosa (Oliveira; Mori, 2012). Além disso, há indícios muitos fortes de que, diante de um cenário de maior liberdade, os jovens tendem a rechaçar as religiões institucionalizadas (na qual a gestão do sagrado ocorre de maneira burocrática) em nome de experiências individuais que podem ser constantemente refeitas a partir de interesses momentâneos e de crenças menos estruturadas e duráveis (Bauman, 1999; Hervieu-Léger, 2008). Nas palavras de Novaes (2006, p. 142), “para os jovens de hoje existem novas possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades, em uma síntese pessoal e intransferível e assim se abre [também] novas possibilidades sincréticas. Expande-se o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas na dimensão estritamente religiosa mas também como recurso terapêutico e medicinal”.

Especialmente na universidade, as crenças (e descrenças) dos jovens parecem encontrar espaço para uma sistematização mais cuidadosa e (auto)reflexiva (cf. Jungblut, 2001). Frente a currículos que instigam uma percepção crítica dos dogmas e verdades religiosas, uma análise metodologicamente estruturada a partir dos cânones da ciência e mediante uma abertura para o debate quase nunca encontrada nas escolas de ensino básico, os estudantes se sentem à vontade para rever conceitos e efetuar escolhas, levando em consideração a ampliação do leque de possibilidades. Nesta pesquisa, buscamos analisar os estudantes de licenciatura do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), tentando compreender em que medida a vida universitária (nas salas de aula e fora delas) altera visões de mundo desses jovens e relativiza os consensos religiosos fabricados ao longo de suas trajetórias nas famílias e igrejas.

A Juventude na Universidade

Embora tenha se tornado um tema cada vez mais debatido, a juventude continua ocupando, nas ciências e forma dela, um lugar problemático, afinal são as vozes adultas que a definem, que a estudam e que lhe imputam, portanto, um significado específico no tempo e no espaço (Lyra et. al., 2002). Para Fátima Tavares e Marcelo Camurça (2004, p. 12), “a percepção social da importância e dos desafios implicados na ‘questão da juventude’, propalada por diferentes setores da sociedade (incluindo-se aí a importância do papel desempenhado pelos meios de comunicação), vem assinalando a diversidade das subculturas juvenis” e a necessidade de empoderá-las, sobretudo no sentido de que possam avaliar e atuar sobre o mundo em que vivem.

Nesse sentido, trazer à tona a temática da juventude em Parintins é um dos pontos importantes desse trabalho. Primeiramente porque os poderes públicos quase sempre desconsideram as vozes

juvenis no momento de elaboração de políticas públicas, mesmo quando se fala em temas tão caro à parcela mais jovem da população quanto educação, cultura, lazer, etc. Depois, porque espera-se com isso poder avaliar como os próprios jovens analisam suas margens de escolha frente às identidades que lhe são oferecidas, desmitificando certa visão que essencializa as adesões religiosas, políticas, de gênero como processos naturais de absorção dos indivíduos frente à suas comunidades. Por fim, porque ao discutir a interface entre religião e universidade, assinalamos o ensino superior como um momento de profunda reavaliação de crenças e valores que, ao longo de uma graduação, podem entrar em contato com outros universos de sentido fornecidos agora não mais pela família e pela igreja, mas por processos de ilustração pautados na discussão científica e acadêmica.

Ademais, para uma pesquisa realizada no campo da História, tornam-se igualmente importantes o exercício de diversificação metodológica e o caráter interdisciplinar assumido nesta proposta. Cruzar abordagens quantitativas e qualitativas, ao mesmo tempo que importar debates de várias áreas do conhecimento, consistem em ganhos epistemológicos que merecem ser considerados.

Recém-iniciada a pesquisa, ainda não temos apontamentos sobre dados coletados em trabalho de campo. Estamos nessa primeira fase construindo nossos instrumentos de pesquisa – questionários – com base em ampla discussão bibliográfica sobre o tema, tendo em vista nossos objetivos de, em âmbito mais geral, analisar em que medida as experiências e conteúdos oferecidos na universidade influenciam nos valores e comportamentos religiosos dos jovens estudantes do CESP/UEA; e de maneira mais específica: a) traçar o perfil religioso dos estudantes de ensino superior em Parintins a partir dos cursos de licenciatura do CESP/UEA; b) discutir em que medida os jovens imputam à experiência universitária o afastamento progressivo de antigas crenças e práticas religiosas e c) constatar eventuais choques entre religião e ciência nos cursos de graduação, bem como seus impactos sobre as escolhas religiosas dos jovens entrevistados.

Percurso Metodológico

Os dados estatísticos têm sido, quase sempre, a porta de entrada relativamente segura para estudos que buscam mapear crenças e práticas religiosas entre os mais diferentes seguimentos da sociedade. A autodeclaração de pertença a um grupo, movimento ou instituição religiosa, obtida por meio de censos demográficos ou *surveys* aplicados especificamente com essa finalidade, permitem traçar perfis mais ou menos confiáveis acerca de indivíduos e grupos. No entanto, quando se busca compreender as motivações e os sentidos atribuídos a determinadas dinâmicas, os números silenciam ou, então, permitem respostas excessivamente lacunares.

Partindo dessas observações, esta pesquisa se estrutura com base em uma combinação de metodologias quantitativas e qualitativas (cf. Marconi; Lakatos, 2003), de modo a assegurar imagens que correspondam da maneira mais fiel possível às mudanças na concepção e nas práticas religiosas da juventude universitária. Em um primeiro momento serão aplicados questionários fechados – elaborados especificamente para esta pesquisa – nas duas turmas mais recentes de cada curso de licenciatura do CESP. A saber, atualmente são oferecidos nesta unidade da UEA, oito cursos de licenciatura: Biologia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química, todos com ingressos anuais na vida universitária por meio de exame vestibular. Tendo em vista que o objetivo é analisar indivíduos na faixa etária dos 15 aos 24 anos, o *survey* será aplicado nas turmas de 1º e 3º ou 2º e 4º períodos, variando com relação ao momento da entrada dos estudantes na Universidade.

Na segunda parte da investigação, serão selecionados dois jovens de cada curso para participar de grupos focais, em que nos interessa captar as representações que esses jovens têm da universidade, como espaço que lhes permite reorganizar suas identidades e convicções, com ênfase na discussão sobre religião. Esse também será o momento adequado para indagar em que medida, conteúdos presentes no currículo de diferentes áreas do saber confrontam as visões de mundo que essa juventude compartilha com seus grupos de sociabilidade (amigos/as, parentes próximos, comunidades de diferentes tipos). Sabemos de antemão que temas como teoria da evolução – entre as ciências naturais – ou ateísmo e intolerância religiosa – no caso das ciências humanas – trazem à tona discussões pouco palatáveis àqueles que professam uma fé, especialmente os que frequentam assiduamente igrejas, grupos e movimentos religiosos. O que nos interessa, no entanto, é acompanhar de que maneira os jovens significam essas questões no dia-a-dia, apontando para diferentes formas de criação de consenso e dissenso entre religião e ciência.

Apontamento preliminares (para futuras conclusões)

No Brasil, entre todos os níveis, o ensino universitário é certamente o mais laico. Ainda que existam universidades confessionais, os currículos de graduação e pós-graduação contrastam, em grande medida, como os do ensino básico, quando o assunto é a imbricação entre crenças religiosas e educação. Nestes, a presença incômoda e nada consensual do Ensino Religioso, unido ao proselitismo disseminado por professores e gestores em escolas públicas (que deveriam se pautar pelo princípio da laicidade), dificulta o reconhecimento da diversidade religiosa e cultural, evidenciando alguns dos entraves na construção de uma sociedade mais democrática e plural. Nos casos mais drásticos,

inviabiliza a discussão de temas polêmicos, que confrontem os sistemas de crença, padrões morais ou convicções religiosas hegemônicas.

Logo, é na Universidade que os educandos se deparam com uma possibilidade mais ampliada de refazer suas identidades, tendo em vista o contato com novas referências (provenientes em sua maioria do universo científico) em um ambiente mais pluralista e que privilegia o debate horizontal. Essa fase da vida também é marcada pela ampliação da liberdade intelectual e, às vezes, por uma progressiva autonomia financeira, elementos que corroboram uma revisão das concepções e práticas religiosas.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Me-deiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar. “Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia”. In: BIANCHEZZI, Clarice (et. al.). **Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas**. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015a. pp. 183-204.

_____. “Vozes do religioso: memórias e histórias da diversidade religiosa do baixo-Amazonas”. In: **Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: UFSC, 2015.

CAMURÇA, Marcelo. “Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários das Ciências Sociais de Juiz de Fora – MG”. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 2, agosto de 2001. pp. 37-64.

_____; TAVARES, Fátima. “Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica”. In: **NU-PEM**. Juiz de Fora: UFJF, v. 7, n. 1, 2004. pp. 11-46.

_____; PEREZ, Léa Freitas; TAVARES, Fátima (org.). **Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política**. Belo Horizonte: Argvmentvm: FAPEMIG, 2009.

CARDOSO, Alexandre; PEREZ, Léa Freitas; OLIVEIRA, Luciana. “Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude?! Um estudo comparativo sobre adesão religiosa e política entre estudantes de Ciências Sociais e Comunicação da FAFICH/UFMG”. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 2, agosto de 2001. pp. 65-102.

CARRANZA, Brenda. “Juventude em movimento: política-linguagem-religião”. In: OLIVEIRA, Pe-

dro Ribeiro de; MORI, Geraldo de (org.). **Mobilidade religiosa: linguagem, juventude e política**. São Paulo: Paulinas, 2012. pp. 207-232.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber, 2005.

HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da secularização**. Sobre razão e religião. Tradução de Alfred J. Killer. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

JARDILINO, José Rubens de Lima. **As ressignificações do sagrado**: um estudo sobre as representações do sagrado do estudante universitário. São Paulo: mimeo, s/d.

JUNGBLUT, Airton Luiz. “A religião entre estudantes de Ciências Sociais hoje: declínio do ateísmo ou despolarização de posicionamentos”. In: **Debates do NER**. Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 2, agosto de 2001. pp. 133-143.

LEMOS, Carolina Teles. “Mobilidade religiosa e suas interfaces com a intimidade e a vida cotidiana”. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de; MORI, Geraldo de (org.). **Mobilidade religiosa**: linguagem, juventude e política. São Paulo: Paulinas, 2012. pp. 119-142.

LYRA, Jorge (et. al.). “‘A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor do sorvete’. Adolescentes: de sujeitos de necessidades a um sujeito de direitos”. In: **Cadernos CEDES**. Campinas: UNICAMP, v. 22, n. 57, agosto de 2002. pp. 09-21.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NOVAES, Regina. “Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo”. In: **As Religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 123-134.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Claudio Noel. “Juventude e religião. Diversidade e autonomia”. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de; MORI, Geraldo de (org.). **Mobilidade religiosa**: linguagem, juventude e política. São Paulo: Paulinas, 2012. pp. 233-252.

RODRIGUES, Solange dos Santos. “Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso: um olhar sobre a literatura”. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de; MORI, Geraldo de (org.). **Mobilidade religiosa**: linguagem, juventude e política. São Paulo: Paulinas, 2012. pp. 253-287.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude**: os novos carismáticos. Aparecida: Ideias & Letras; São Paulo: FAPESP, 2011.

_____. “Renovação Carismática e Teologia da Libertação: elementos para uma sociologia da juventude católica”. In: SILVEIRA, Emerson Sena da; SOFIATI, Flávio Munhoz (org.). **Novas leituras do campo religioso brasileiro**. Aparecida: Ideias & Letras, 2014. pp. 59-82.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. 2 volumes.